A SEGUNDA MULHER DE ADÃO

QUE VEIO ANTES DE EVA

A FIGURA APAGADA DA CRIAÇÃO E A FENDA DO GÊNESIS

Documento Bibliográfico e Referencial

Fontes Primárias, Tradição Mesopotâmica, Hebraica, Rabínica, Apócrifa e Cabalística

Compêndio cronológico das obras consultadas para a construção da narrativa do filme-documentário homônimo, organizado em camadas de antiguidade, do substrato mesopotâmico anterior ao hebraico até a sistematização mística da cabala medieval. Cada entrada indica a datação aproximada, a natureza da obra, sua contribuição específica para os eixos da investigação e, sempre que possível, a edição crítica de referência.

Ordem cronológica · Período aproximado · Notas de uso narrativo

Nota Introdutória

O presente documento reúne, em ordem cronológica aproximada, as fontes primárias e secundárias que fundamentam a narrativa do filme-documentário *A Segunda Mulher de Adão Que Veio Antes de Eva — A Bíblia Hebraica Confirma?*. Cada obra foi selecionada não apenas por sua relevância histórica, mas pela contribuição específica que oferece à compreensão dos eixos centrais explorados na narrativa: a contradição entre os dois relatos da criação da mulher no livro do Gênesis, a ocorrência isolada do nome Lilit em Isaías 34:14, o substrato mesopotâmico dos demônios femininos do vento, as menções dispersas do Talmude babilônico, a narrativa de origem fixada no Alfabeto de Ben Sira e a coroação cabalística da figura como rainha do Outro Lado.

As datações apresentadas seguem o consenso acadêmico majoritário, com referência aos estudos críticos mais recentes em assiriologia, estudos bíblicos, literatura rabínica e cabala histórica. Quando uma obra é composta de camadas redacionais distintas, indica-se o período provável da composição final ou da redação que lhe deu a forma reconhecível. Nos casos em que a identificação de uma fonte é objeto de disputa acadêmica — como ocorre com certas relíquias iconográficas mesopotâmicas — a controvérsia é registrada explicitamente, em fidelidade ao caráter investigativo da obra.

Este compêndio destina-se a servir como ponto de partida para o espectador que deseja aprofundar-se nas fontes originais. Ele não substitui o estudo direto dos textos, mas oferece um mapa cronológico do desenvolvimento das tradições que sustentam a narrativa, do barro sumério à tinta dos cabalistas de Castela.

I. Substrato Mesopotâmico (c. 2000–600 a.C.)

Camada anterior ao próprio hebraico, na qual se forma a constelação de demônios femininos ligados ao vento, à noite, à esterilidade e à morte das crianças, da qual a figura posterior herdaria o nome e os traços essenciais.

c. 2000–1600 a.C.
Encantamentos sumério-acádicos contra os demônios do vento. Fórmulas mágicas e textos de exorcismo em escrita cuneiforme que nomeiam o *lilu* (demônio masculino), a *lilitu* (contraparte feminina) e a *ardat lili* (a donzela-fantasma, mulher morta antes do casamento e da maternidade). Citados na segunda sequência como a raiz etimológica e conceitual do nome posterior: a raiz suméria *lil* designa o ar e a tempestade, não a noite, desmontando a etimologia popular que associa o nome a *laylah*. Referência: textos reunidos em estudos de magia mesopotâmica e nas séries de exorcismo acádicas.

c. 1800 a.C.
Placa de terracota dita “Relevo Burney” (Queen of the Night). Mulher nua e alada, de pés de ave, ladeada por corujas e leões, hoje no Museu Britânico. Citada na segunda sequência como exemplo de fonte *disputada*: por décadas associada popularmente a Lilith, é hoje identificada pela maioria dos assiriólogos como a deusa Ishtar ou Ereshkigal. Ilustra a cautela metodológica diante de identificações iconográficas frágeis.

c. século VII a.C. (tradição anterior)

Poema sumério (episódio da árvore *huluppu*, ciclo de Gilgámesh). Criatura que se instala no tronco de uma árvore sagrada e é expulsa. Citada como a leitura proposta por Samuel Noah Kramer (anos 1930), que a identificou com Lilith — identificação que a erudição posterior considera frágil. Segundo exemplo de fonte contestada, reforçando que a tese não depende dessas identificações disputadas.

II. Cânon Hebraico (c. 950–400 a.C.)

Camadas redacionais que estabelecem tanto a fenda exegética fundamental — a dupla criação da mulher — quanto a única âncora textual do nome no interior da Escritura.

c. 950–500 a.C.
Gênesis 1:26–27. Primeiro relato da criação, atribuído à fonte sacerdotal (P): o ser humano é criado *macho e fêmea*, simultaneamente, no sexto dia, do mesmo barro. Citado na primeira e terceira sequências como o polo da igualdade originária, base do argumento da paridade. Edição crítica: *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

c. 950–500 a.C.
Gênesis 2:7, 2:18–22. Segundo relato, da camada javista (J), mais arcaica: o homem é formado sozinho do pó, e a mulher é construída depois, a partir da *tsela* (costela, mas também lado/flanco). Citado como o polo oposto — a mulher derivada e posterior — cuja incompatibilidade com o primeiro relato abre a costura redacional explorada por toda a tradição posterior.

c. século VIII–VI a.C.
Isaías 34:14. Oráculo de devastação contra Edom em que aparece, uma única vez em toda a Bíblia Hebraica, o nome *lilit*, entre criaturas do deserto. Citada na primeira sequência e no veredito final como a única âncora canônica do nome e como leitmotif estrutural: a palavra que os tradutores antigos recusaram transcrever. Edição crítica: *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, 1997.

III. Versões Antigas e Recepção (c. III a.C.–IV d.C.)

Testemunhas da dificuldade tradutória diante do nome de Isaías, documentando o recuo sucessivo dos eruditos diante de uma palavra que reconheciam mas não queriam fixar.

c. século III–II a.C.
Septuaginta (tradução grega de Isaías). Verte o termo de Isaías 34:14 não pelo nome, mas por uma criatura da mitologia grega. Citada na primeira sequência como o primeiro movimento de recuo: a substituição do nome temido por um equivalente do repositório helênico.

c. 390–405 d.C.
Vulgata, de Jerônimo. Traduz o termo por *lamia*, a devoradora de crianças da mitologia romana. Citada como segundo movimento de recuo e como ponte semântica: a associação latina entre a criatura e a morte dos recém-nascidos prepara a recepção medieval da figura.

IV. Literatura Rabínica e Talmúdica (c. 200–600 d.C.)

Camada em que a figura é tratada como patrimônio cultural pressuposto, conhecida sem necessidade de apresentação, e em que se fixa a leitura exegética da dupla criação.

c. século III–V d.C.
Bereshit Rabbah. Grande comentário midráshico ao Gênesis, redigido na Galileia. Registra a leitura do primeiro ser humano como *du-partzufin* (criatura de dois rostos), atribuída a Rabi Jeremias ben Eleazar e Rabi Samuel bar Nahman, segundo a qual a criação da mulher foi uma separação, não uma segunda criação. Citado na terceira sequência como a saída *luminosa* do enigma, contraposta à leitura sombria das duas mulheres sucessivas. Referência: Theodor–Albeck, *Midrash Bereshit Rabba*.

c. século III–VI d.C.
Talmude Babilônico. Três menções dispersas reconstituem o retrato sem narrativa: *Shabbat* 151b (o homem não deve dormir sozinho numa casa, sob pena de ser apanhado por Lilith); *Eruvin* 100b (o cabelo longo e solto como o de Lilith); *Niddah* 24b (o nascimento de criatura alada, associada ao seu reino). *Berakhot* 61a ecoa a leitura do ser de dois rostos. Citado na terceira sequência como prova da familiaridade não explicada — o Talmude conhece a demônia, mas ainda não a esposa. Edição: texto de Vilna; tradução de referência Soncino / Steinsaltz.

c. século V–VII d.C.
Tigelas de encantamento aramáicas de Nippur. Mais de uma centena de tigelas de barro inscritas em espiral, produzidas pela comunidade judaica da Babilônia sassânida, enterradas sob as casas e os leitos para expulsar Lilith — algumas redigidas como verdadeiras certidões de divórcio contra o demônio. Citadas na segunda e quarta sequências como peça material decisiva: o divórcio pressupõe casamento prévio, fornecendo a ponte entre a demônia e a esposa. Edição de referência: James A. Montgomery, *Aramaic Incantation Texts from Nippur*, University of Pennsylvania, 1913.

V. Narrativa de Origem e Sistematização Mística (c. VIII–XIII d.C.)

Camada em que as peças dispersas são finalmente fundidas numa única narrativa, e em que a figura alcança o ápice de sua elaboração teológica.

c. século VIII–X d.C.
Alfabeto de Ben Sira. Obra satírica e pseudoepígrafa, de seriedade disputada, redigida provavelmente no Oriente islâmico. Contém a primeira narrativa completa conhecida de Lilith como primeira mulher de Adão: criada do mesmo barro, recusa a posição inferior no leito ("ambos viemos da mesma terra"), pronuncia o Nome Inefável e foge para o deserto; os três anjos Senoy, Sansenoy e Semangelof a perseguem e firmam o pacto sobre os recém-nascidos e os amuletos. Fonte central da quarta sequência. Referência: tradução crítica em David Stern & Mark J. Mirsky (orgs.), *Rabbinic Fantasies*.

c. 1280–1290 d.C.
Zohar (Sefer ha-Zohar). Monumento central da cabala, composto em aramaico artificial no círculo de Moisés de León, em Castela. Coroa Lilith como consorte de Samael e rainha do *Sitra Achra* (o Outro Lado), ao lado de Naamah, espelho sombrio da Shekhináh. Fonte da quinta sequência e da síntese final. Edição de referência: *The Zohar: Pritzker Edition*, trad. Daniel C. Matt, Stanford University Press.

VI. Estudos Críticos Modernos

Bibliografia secundária de referência para o aprofundamento acadêmico das tradições reunidas na narrativa.

DAN, Joseph. *The Heart and the Fountain: An Anthology of Jewish Mystical Experiences*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

MATT, Daniel C. (trad.). *The Zohar: Pritzker Edition*. Stanford: Stanford University Press, 2004–2017. 12 v.

MONTGOMERY, James A. *Aramaic Incantation Texts from Nippur*. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum, 1913.

PATAI, Raphael. *The Hebrew Goddess*. 3. ed. Detroit: Wayne State University Press, 1990.

SCHOLEM, Gershom. *Kabbalah*. New York: Quadrangle / The New York Times Book Co., 1974.

STERN, David; MIRSKY, Mark J. (orgs.). *Rabbinic Fantasies: Imaginative Narratives from Classical Hebrew Literature*. New Haven: Yale University Press, 1998.

Nota Final sobre a Natureza desta Bibliografia

O filme-documentário *A Segunda Mulher de Adão Que Veio Antes de Eva — A Bíblia Hebraica Confirma?* constitui uma obra de narrativa criativa fundamentada em fontes históricas reais. A seleção, a articulação e a interpretação dessas fontes são obra autoral, e não representam necessariamente o consenso de qualquer tradição religiosa ou escola acadêmica.

As tradições aqui listadas — mesopotâmica antiga, hebraica canônica, talmúdica, rabínica medieval e cabalística — não formam, em sua origem histórica, um sistema unificado. Cada uma desenvolveu-se em contextos específicos, com pressupostos próprios e, em muitos casos, em explícita oposição mútua. A leitura mística do Zohar não era compartilhada pelos comentadores talmúdicos, e o Alfabeto de Ben Sira foi, ele próprio, possivelmente concebido como sátira. A obra audiovisual aproxima esses corpora distintos para construir uma narrativa coerente, na tradição da literatura especulativa que reúne, sob uma única tessitura, materiais originalmente dispersos. O veredito que a narrativa propõe — de que a Bíblia Hebraica não confirma a figura, mas confirma o *lugar* que ela veio ocupar — é interpretação autoral, não afirmação histórica estabelecida.

Recomenda-se vivamente ao espectador interessado o estudo direto das fontes primárias em edições críticas, bem como a consulta dos estudos modernos listados na seção VI. A profundidade real desses textos só se revela no contato direto com eles, e a presente narrativa funciona, na melhor das hipóteses, como um convite a esse estudo.

Documento referencial preparado como complemento de pesquisa
ao filme-documentário homônimo.